

DA INFERIORIDADE LATENTE AO PROTAGONISMO COMPULSÓRIO: O OLHAR DE SAINT-HILAIRE SOBRE AS MULHERES DAS MINAS GERAIS NO INÍCIO DOS OITOCENTOS

LATENT INFERIORITY TO COMPULSORY LEADING ROLE: THE BIASED LOOK AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE ON WOMEN OF MINAS GERAIS IN THE EARLY DECADES OF THE NINETEENTH CENTURY

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p90-100

Resumo

Este estudo tem por objetivo a análise das narrativas do naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire produzidas em seus livros sobre as mulheres das Minas Gerais no início do Século XIX. Nos relatos que produziu sobre as diversas viagens que fez ao interior do Brasil, este viajante descreve populações e seus costumes e faz reiteradas referências às mulheres que encontra pelos seus caminhos. Esta literatura de viagem, ainda que exponha as marcas do Iluminismo europeu, e esteja carregada do olhar estrangeiro, constitui uma fonte legítima de informações sobre as relações entre homens e mulheres, no período, em nossa terra. São analisadas as referências explícitas feitas às mulheres em quatro dos seus livros publicados na França e posteriormente no Brasil. O argumento que conduz nossa análise é que as relações entre homens e mulheres foram bem mais complexas que os estereótipos da condição feminina costumam expressar tanto ontem quanto hoje.

Palavras-chave: Etnografia rural. Sociologia rural. Mulheres nos Oitocentos. Viajantes estrangeiros. Mulheres em Minas Gerais.

Abstract

This study aims to analyze the narratives of the French naturalist Auguste de Saint-Hilaire on women of Minas Gerais in the early nineteenth century. That produced the reports on the various trips he made to the interior of Brazil, this reviewer describes populations their customs and makes repeated references to women who finds in his ways. This Travel Writing, even if expose the marks of the European Enlightenment, and is loaded from the outside view, constitute a legitimate source of information about relationships between men and women in the period into our land. All explicit references to women in four of his books published in France and later in Brazil are analyzed. The argument that leads our analysis is that the relationships between men and women were far more complex than the stereotypes of the feminine condition usually express both today as yesterday.

Keywords: Rural ethnography. Rural Sociology. Women on the nineteenth century. Foreign travelers. Women in the Minas Gerais.

Celso Antônio Spaggiari Souza

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais.

E-mail: EcelsoSpaggiari@gmail.com

Rita de Cássia Santos Freitas

Serviço Social, Universidade Federal Fluminense.

E-mail: ritacsfreitas@uol.com.br

Introdução

Anima este estudo a análise das recorrentes referências feitas às mulheres pelo viajante francês Auguste de Saint-Hilaire em suas passagens pelas cidades, vilas, povoados, fazendas e caminhos da Província de Minas Gerais, nas duas primeiras décadas do Século XIX. Na condição de naturalista, com credenciais oficiais, este viajante percorreu enormes distâncias dentro do território mineiro, fazendo registros minuciosos, em seus diários de viagens, de plantas, animais, paisagens, rios, habitações, pessoas, costumes, festas religiosas, aparentemente nada escapando ao seu olhar estrangeiro. Ao mesmo tempo em que descreve com curiosidade, detalhe e deslumbramento a natureza que percorre, tece comentários carregados dos juízos de valor de cientista europeu diante de um mundo diferente do seu, quando se refere às pessoas que encontra em suas rotas. Descreve com os filtros da sua cultura as pessoas e os costumes que vê; seu olhar está cá, suas referências estão lá, denunciando a condição de viajante estrangeiro. Nem por isso seus textos deixam de possibilitar fértil contribuição à história das regiões que visitou como explorador.

Os relatos de suas viagens são publicados em livros, quando do seu retorno à França. No Brasil, os textos de Saint-Hilaire somente serão traduzidos e publicados a partir da década de 30 do século seguinte, aproximadamente cem anos depois.

Muito mais do que descrever a natureza física das paisagens, Saint-Hilaire é um atento observador e descritor do cotidiano das populações que encontrou em seu caminho, tornando a sua obra fértil em referências ao modo de trabalho, ao escravismo, aos índios, aos costumes, à religiosidade, à organização jurídica e política. A leitura superficial do seu texto expõe referências estereotipadas às mulheres, como as imagens de submissão, ausência e reclusão, indolência, subserviência, já tão conhecidas em outros autores-viajantes. Sua narrativa, no entanto, pode indicar que há outras leituras a se fazer deste autor, permitindo-nos, a partir de seus pioneiros e originais relatos, uma rica aproximação com a história das mulheres das Minas de então.

Além da condição submissa e invisível, é possível depreender nos relatos do autor também uma outra inserção feminina mais complexa e mais integrada à realidade econômica, social e cultural da época? Mesmo que o olhar carregado de Saint-Hilaire insista na descrição da mulher como personagem secundarizada, trancafiada nos quartos e cozinhas das casas, analfabeta, mal vestida, indolente e feia, seus relatos não deixam entrever papéis femininos mais complexos ou até mesmo se tornam testemunhos disso? Qual a participação da mulher mineira na sociedade oitocentista que os relatos de Saint-Hilaire deixam entrever?

Parece-nos possível descortinar a presença de outros papéis femininos desempenhados pelas mulheres

do início do século XIX e reconstruir uma visão menos caricata da mulher mineira, analisando com mais insistência as suas primorosas crônicas do cotidiano da época. Para tanto, buscou-se levantar em seus escritos as referências explícitas feitas às mulheres em seus relatos das viagens, realizadas entre os anos de 1816 a 1822, pelas terras mineiras.

Orienta este trabalho a perspectiva e a crença de que o olhar comprometido do viajante sobre as mulheres que viu e imaginou ver em seu caminho, contribuem para fornecer importantes informações sociais, culturais e econômicas da condição feminina na época. Ainda que, ao mesmo tempo, Saint-Hilaire não tenha podido perceber também os diferentes papéis femininos assumidos na dinâmica de um mundo rural primitivo nas pequenas cidades e sertões de Minas Gerais, acreditamos que as mulheres descritas por este autor transitam por espaços mais amplos do que ele pode perceber. Suas referências mesmas indicam isso.

Os documentos utilizados para o estudo são quatro livros publicados pelo autor nos quais ele narra as suas passagens pela Província de Minas Gerais, embora neles sejam frequentes as comparações que faz entre as diversas regiões do Brasil que também percorreu.

A literatura de viagem constitui uma fonte rica de informações sobre a sociedade, a cultura, a economia e a natureza das regiões visitadas pelos viajantes estrangeiros que aportaram no Brasil, sobretudo a partir do início do Século XIX, quando D. João VI abre o país às missões de cientistas estrangeiros (ALVES, 2009).

Os relatos detalhados destes viajantes constituem importante legado como fonte de leituras e reexames da história do Brasil neste período. Ainda que escritos sob o olhar enviesado do estrangeiro, certamente nos dizem respeito, permitindo-nos a experiência de nos ver, também, pelo olhar dos outros (BELLUZZO, 1994). E Ginzburg (1987) aponta a imensa possibilidade de nos aproximarmos da realidade apesar dos “filtros” inevitáveis que encontramos nas narrativas.

Contextualiza-se a seguir os determinantes sociais, econômicos e culturais que desencadearam as missões científicas dos viajantes europeus ao Brasil, em particular, a viagem de Saint-Hilaire, para depois proceder-se à análise das muitas referências que este cientista faz às mulheres que viu, deixou de ver ou imaginou ver no seu caminho de viajante pelas Minas Gerais do início do século XIX.

Os viajantes: a política, a história, a cultura e a ciência que os moviam

Para explicar a presença de viajantes estrangeiros pelo interior do Brasil, de rala população em estado semiprimitivo, por terras inóspitas, hostis e ameaçadoras permanentes à vida de qualquer peregrino, é preciso compreender o espírito dos primeiros tempos da modernidade que dominou o Século das Luzes, expresso no desejo de dominar o mundo e a natureza com o uso da razão e da ciência. O desejo de tudo compreender e

explicar racionalmente, transformando o mundo “num lugar visível, calculável e inteligível, de se usar a natureza e todas as suas criaturas para alcançar o progresso sem limites” (FREITAS, 2002: p. 2).

Predominante no século XIX, a presença de viajantes naturalistas pelo Brasil, no entanto, é mais antiga:

A presença de viajantes estrangeiros e seus relatos publicados sobre o Brasil datam do século XVI. Existem mais de 260 obras, em várias línguas, onde os autores falam dos habitantes, vida social, usos e costumes, fauna, flora e outros aspectos da antiga colônia portuguesa, principalmente durante o século XIX [...] (GASPAR, 2004: p.1)

Contudo, é com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, que a vinda oficial de missões estrangeiras científicas e artísticas europeias se intensifica. Elas aportam no Rio de Janeiro e adentram o interior do território brasileiro em várias direções. Nelas vieram cientistas de diversas nacionalidades, principalmente ingleses, alemães, austríacos e russos. Muito bem inscritos no espírito do século, o espírito das Luzes, são os relatos desses naturalistas que gozarão de forte acolhida e curiosidade do grande público e dos intelectuais europeus da época. O que explica em grande parte a riqueza de publicações e as narrativas dos textos que parecem ser direcionadas a estes leitores, além de prestar conta de seus financiadores. Serão eles os mais ávidos por contar e conhecer o mundo sob o “olhar do viajante” (CARVALHO, 2005).

A partir de 1815, após acordo diplomático entre Brasil e França, também intensificou-se a vinda de estudiosos franceses¹. Um destes viajantes foi Auguste François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire², que nasceu em Orleans, em 4 de outubro de 1779 e morreu na mesma cidade, em 3 de setembro de 1853. Foi botânico taxonomista e viajou pelo Brasil de julho de 1816 a agosto de 1822. Sua viagem foi patrocinada pelo governo francês, de quem recebia pagamento anual, e fez parte da missão diplomática do Conde de Luxemburgo, cujo objetivo era resolver a questão sobre a posse da Guiana, à época incorporada ao

1 - A partir de 1750, os embarques para a América se multiplicam. Sabem-se que, em 145 expedições francesas ocorridas entre 1680 e 1792, 45,5% delas têm como destino a América do Sul. Sob o reinado de Louis XVI, ela é o segundo lugar preferido dentre os destinos, com 19,3% dos viajantes, logo após do Oriente Médio, que recebeu 25,8% (Clement, 1988, t. I: 194 *apud* FREITAS, 1996, p. 4). Apesar da proibição dos portugueses – que será revogada somente em 1815 – grande parte desses viajantes embarcados para a América acabou por visitar o Brasil, ou ao menos aí fizeram escala. (FREITAS, 1996, p. 4).

2 A grafia de seu nome usada por ele em seus livros é Auguste Saint-Hilaire e na nomenclatura científica das plantas que descreveu é anotado St. Hil. Há outro naturalista francês Isidore Geoffroy Saint-Hilaire (1805-1861), zoólogo que também veio ao Brasil e que também é conhecido na literatura científica como Saint-Hilaire.

território brasileiro. Saint-Hilaire era amigo do influente botânico Humboldt que colaborou para aprovação do seu nome junto ao Museu de História Natural de Paris e obtenção de financiamento do Ministério do Interior do governo francês, o que viabilizou a realização da sua viagem ao Brasil, parte do Paraguai e Argentina (KURI, 1995). De acordo com esta mesma autora:

O famoso viajante Auguste de Saint-Hilaire é, na verdade, um desconhecido entre nós. Poucos detalhes de sua vida e de sua obra foram estudados. Na França atual, ele é um personagem esquecido, o que não aconteceu em sua época, quando ocupou posição de prestígio no meio científico parisiense e francês. Saint-Hilaire buscou fazer de sua viagem ao Brasil, realizada entre 1816 e 1822, um modelo no que diz respeito à forma como os cientistas da Europa civilizada deveriam se relacionar com os demais países do globo. Além disso, o botânico quis atuar como um viajante-naturalista exemplar e usar suas credenciais científicas – somadas a suas relações familiares na França da Restauração - para garantir boa situação quando de retorno à França. (1995, p. 1).

No entanto, no campo das ciências naturais, sobretudo o da botânica sistemática, Saint-Hilaire é bem conhecido. Deixou mais de 30000 espécimes de plantas coletadas, entre 6000 a 7000 espécies de plantas enviadas do Brasil, Paraguai e Argentina ao Museu de História Natural de Paris; descreveu duas famílias botânicas novas, muitos gêneros novos de plantas e mais de mil espécies novas desconhecidas da ciência, até então. Sua narrativa indica que conhecia bem a literatura científica de viagens, a coleta, o preparo e conservação de plantas para herbários, e detinha conhecimentos de animais, de agricultura, de solos e climas. Seu discurso utilitarista incorpora bem a missão que acreditava desempenhar: ser útil à França, seu país, ao Brasil e, em consequência, ao bem estar da humanidade, posto que os interesses e conhecimentos da ciência são vistos como valores universais para a época.

A missão oficial do naturalista era enviar pesquisas e coleções de plantas, animais e minerais ao Museu de História Natural de Paris (SOALHEIRO, 2008). Das espécies animais e exsiccatas preparadas, duplicatas deviam ser destinadas à formação de Museus de História Natural no Brasil.

Embora não explicitado nos acordos e autorizações oficiais das viagens, a expedição dos naturalistas se inscreve em plano mais abrangente e audacioso que consiste em descobrir, inventariar e classificar as riquezas minerais, os solos, os vegetais e os animais do mundo, com fins políticos, econômicos e comerciais (FREITAS, 2002). A missão mais geral de Saint-Hilaire pode ser melhor apreendida na leitura dessa autora, observando-se o seguinte trecho:

As ciências naturais se constituíam também como um campo de legitimação

social e como uma atividade integrada a um projeto de afirmação da nacionalidade. Nesse contexto, seria lícito dizer que a viagem científica ultrapassa amplamente, nesse começo do século XIX, as fronteiras do que convém qualificar hoje em dia como puramente “científico”. O discurso científico era então portador de critérios utilitários, mas também filantrópicos, tão comuns aos meios oficiais. Em outros termos, as ciências naturais eram inseparáveis de suas aplicações (FREITAS, 2002, p.16).

Os primeiros viajantes estrangeiros que aportaram no Novo Mundo produziram narrativas fantasiosas da natureza e do homem. A compreensão do mundo natural estranho que viam foi descrita nos domínios do exuberante e do fantástico. O homem que viam era o “bom selvagem” que devia ser civilizado. Já Saint-Hilaire faz parte dos viajantes do século XIX, cuja moldura de análise é o Iluminismo. No afã de tudo descrever utilizando a racionalidade, a preocupação com o homem da terra também é constante. Por isso, ele está atento aos seus hábitos, costumes, tipo físico, crenças, embora quase sempre contaminado com o olhar de estranhamento e posição de estrangeiro (DUARTE, 2002). O homem rude, selvagem e semisselvagem dos sertões, parece-lhe, faz parte de um estágio anterior à civilização europeia a que o autor pertence. É preciso civilizá-lo. A esperança de transformá-lo em um semelhante faz parte de seu interesse. Para isso, os valores da Cristandade, a ética do trabalho ordeiro, parecem-lhe imprescindíveis para tirá-los deste estágio primitivo, sem futuro algum.

Saint-Hilaire será impiedoso no olhar que deita às mulheres e aos homens comuns que encontra em seu percurso nos sertões de Minas Gerais. Ao mesmo tempo em que registra sua inépcia para o trabalho, sua feiura, os seus costumes exóticos e primitivos, os efeitos malévolos da mistura das raças, deixa transparecer o discurso moral padrão de uma civilidade europeia e espera com seus conselhos contribuir para a mudança do comportamento primitivo e degradado desses habitantes.

Os documentos analisados: o olhar carregado do viajante

Os diários de Saint-Hilaire foram escritos, muitas vezes, sobre as malas de viagens em abrigos precários, ou mesmo ao relento, ao final das jornadas diárias de viagens feitas em lombo de burros. Seu estilo minucioso, mas frequentemente apressado, registra as observações realizadas no percurso. Podemos até mesmo perceber indícios de uma etnografia que transparece nos seus textos. Parece querer dar conta de tudo que vê, às vezes chega a descrever o firmamento. Estes escritos foram o material utilizado por ele, já então na França, para escrever os livros que publicou sobre as viagens que fez ao interior do Brasil.

Para este estudo, foram utilizadas quatro publicações que versam sobre Minas Gerais, em viagens específicas a esta província ou em passagem por ela. São eles:

1- *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (01/06/ 1816 – 22/09/1817) – tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974. Foi publicado na França em 1830, e no Brasil em 1937, pela Companhia Editora Nacional;

2- *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo*. Tomo I. Tradução de Afonso de E. Taunay. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974. Foi publicado em Paris em 182, e no Brasil em 1932, pela Companhia Editora Nacional;

3- *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*, Tomo II. Tradução Clado Ribeiro de Lessa. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.

4- *Viagem pelos Distritos dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, 1974. Publicada originalmente em Paris, em 1848, e no Brasil em 1937

Os textos de Saint-Hilaire têm servido de fonte para estudos atuais de fitogeografia, territorialidade, relações de gênero, etnologia³.

As mulheres mineiras pelas narrativas fragmentadas de Saint-Hilaire

A julgar pela missão oficial que o viajante representa, os relatos de viagem descreveriam paisagens, relevo, solos, minerais, plantas, animais. Este é o discurso do cientista legitimado pelo estatuto do sujeito que tem título, autoridade conferida pela ciência e legitimação institucional que o apoia (BOURDIEU, 1998). Saint-Hilaire, no entanto, vai além disso e insiste nas observações sobre as populações, seus modos de vida e costumes. Faz comentários repetidos sobre a agricultura, a mineração, a criação de animais. O que se cultiva e o que se poderia cultivar nas terras, enaltecendo exemplos de plantios bem sucedidos como algumas experiências com trigo, uva, oliveira e outras espécies plantadas na Europa. São comuns as referências à produção de alimentos, pastagens, rendimentos das plantações, ao modo viciado dos habitantes de trabalhar a terra utilizando o fogo.

Outro foco das suas reiteradas observações são os habitantes dos lugares por onde passa. O que lhe

3 Outros livros do autor foram publicados relatando as expedições a Goiás, São Paulo, Curitiba, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Argentina e Paraguai. Dois volumes foram traduzidos recentemente para a Língua Portuguesa: *História das Plantas Mais Notáveis do Brasil e do Paraguai*, em trabalho de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2011 e *Quadro Geográfico da Vegetação Primitiva na Província de Minas Gerais*, também com tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2011.

chama mais atenção é a miséria recorrente, o isolamento e abandono a que estão submetidas as pessoas do interior do Brasil. Desalento, ociosidade e promiscuidade são, a seu ver, as causas explicadoras da realidade quase sempre miserável em que vivem. Se a acidez do seu discurso direciona-se aos costumes das populações, parece ser à mulher que sua crítica é mais tenaz. Aí, o estatuto de quem fala se aproxima do homem comum – branco, europeu e dominante – que estranha tudo que é diferente. Seus critérios de observação estão viciados por um referencial estrangeiro, pouco comprometido com a realidade que conhece. O outro que ele vê pouco se assemelha ao que quer ver. É o que propomos demonstrar em parte, utilizando seu próprio texto.

Nos quatro livros aqui analisados, relatando as suas viagens por Minas Gerais⁴, Saint-Hilaire faz 170 referências gerais às mulheres, em sua maioria, nada elogiosas. A “implicância” com as mulheres é recorrente em suas viagens por outras regiões do Brasil, sem muitas concessões. Em dois livros sobre a Província de Goiás, Lemes percebe assim os relatos do autor sobre a mulher:

A princípio, embora seja pequena a parte dos textos dos viajantes dedicados à descrição das mulheres da Província de Goiás no século XIX, nos dizem muito sobre o comportamento e a tão observada reclusão em que viviam e sua quase total ausência dos espaços públicos. Eram mulheres que em nada se pareciam com as mulheres europeias do século XIX, aqui vivendo à margem do que tinham os viajantes como modelo de civilização. A reclusão será uma das imagens fixadas mais recorrentes nos relatos (2009, p.16).

Ao mesmo tempo em que descreve a reclusão das mulheres, condena os frágeis laços de família em uniões ilegítimas, mesmo sem relacionar as gentes cambiantes em uma terra de mineração em decadência, agricultura e pecuária incipientes (ANDRADE, 2006):

Uma das causas que contribuem principalmente para o empobrecimento dessa capitania, é o desprezo que aí se tem pelos laços de família. Os casamentos lá são raros, e levados a ridículo, o que provêm, claramente, da imoralidade dos antigos colonos. Os brancos vivem na devassidão com mulheres de cor e índias; interessam-se pouco pelos filhos que nascem dessas uniões momentâneas, e não procuram aumentar um patrimônio que devem deixar a colaterais. Suas amantes, sabendo que não podem contar com uma longa afeição, tratam de se aproveitar do ascendente que exercem sobre eles, e acabam de arruiná-los. (Viagem às Nascentes do Rio São Francisco... p. 238).

Em duas ocasiões e locais diferentes, diante de população de mamelucos, não consegue conter seu estranhamento e demonstra enorme ambiguidade e contradição com o tipo físico gerado pela mistura entre a raça indígena e a negra:

É fácil de conceber que, pelo retrato que deles dou, esses homens são de uma fealdade extrema, e suas mulheres não lhes levam vantagem; têm, entretanto, um ar de doçura, que faz esquecer logo o que sua fisionomia tem, a princípio, de repelente. ((Viagem às Nascentes do Rio São Francisco... p. 247)

Esses mestiços, aos quais se dá o nome de mamelucos, têm um ar de doçura muito agradável, sobretudo as mulheres, algumas das quais são muito bonitas. Os mamelucos gozam na aldeia de todos os privilégios concedidos aos índios e, bem diferentes dos mulatos, não somente não se envergonham de não pertencer inteiramente à raça europeia [...] (Viagem pelo Distrito dos diamantes... p. 309).

O olhar de Saint-Hilaire parece desatento diante de mulheres proprietárias de terras desempenhando outros papéis femininos; seu texto mesmo mostra que há tantas quantas forem as condições e exigências do cotidiano. Seu olhar para estas mulheres oscila da inferioridade latente ao protagonismo compulsório, por um triz, como nos trechos abaixo:

Nesse dia apeiamo-nos (sic) numa casa que, como todas as dessa província, estava em péssimo estado, e tinha o nome de Sítio da Forquilha. Esta casa, perto da qual encontrei o Rio Capivari, pertencia a mulheres brancas; não se furtaram à nossa vista, e foram muito mais amáveis que a de Furnas (Viagem às Nascentes do Rio São Francisco... p.190).

Passei a noite em uma pequena choupana chamada Sítio da Lago, que só era habitada por mulheres. A dona da casa não se escondeu à minha chegada; recebeu-me otimamente, e conversou bastante comigo (IDEM, p. 69).

Ao encontrar uma população remanescente em área mineradora decadente - muitos povoados e vilas em Minas viviam, então, essa condição - expõe assim, a seu juízo, os costumes indolentes e lascivos, de gente despreocupada com a acumulação tipicamente burguesa (e não contaminados pela ética do trabalho), referencial de análise do autor:

(...) a população permanente desse lugar se compõe de um número reduzidíssimo de artesãos, mulheres de má vida, dois ou três tendeiros, e, finalmente, de alguns mulatos e negros livres que passam a maior parte da vida em completa ociosidade. São esses últimos que ainda vão à procura de

4 As referências a Minas Gerais ocorrem em todos os livros do autor escritos sobre as suas viagens ao Brasil.

ouro. Quando a seca põe a descoberto uma parte do leito do Rio Corumbá, do Rio do Peixe e de alguns outros regatos vizinhos (...) Fazem às vezes ótimas diárias; mas, quando se veem com alguns vinténs, interrompem os trabalhos, bebem cachaça, e saboreiam a ociosidade ao lado de suas amantes (IDEM, p.222).

Com a movimentação restrita no espaço público, as igrejas são os locais privilegiados para observação das mulheres (GONÇALVES, 2005). Nelas o caráter festivo toma lugar da religiosidade, comedimento e meditação.

Segundo o costume, as mulheres ficam ajoelhadas na nave, todas envoltas em capas de lã, apenas com um lençinho simplesmente colocado na cabeça. Notei que, depois de tomarem os seus lugares, várias dentre elas tiravam os pantufos, e ficavam de pés no chão. Não estando, provavelmente, acostumadas a usar calçado em casa, apressavam-se em se libertar dele. (IDEM, p.63)

As ruas se achavam cheias de povo, que passeava, de igreja em igreja, mas unicamente para vê-las sem a menor aparência de devoção. Vendedoras de confeitos e doces sentavam-se no chão, à porta das igrejas, e as pessoas do povo compravam as guloseimas para as oferecer às mulheres com quem passeavam. (Viagem ao Distrito dos Diamantes..., p. 173).

A espera de hábitos corteses no sertão é frustrada com o comportamento das mulheres, mais rústicas que os homens, mas, não sem certa contradição, o viajante conta também de certa bondade e cortesia dos habitantes.

Apenas minhas malas foram descarregadas e já as pessoas da casa entravam no rancho para admirar as mercadorias de José Mariano; fiquei admirado em ver um grupo de mulheres entre os curiosos. Todas, brancas ou mulatas, tinham maneiras péssimas; chegaram sem fazer o menor cumprimento, e foram-se da mesma maneira. Os homens não eram muito mais corteses; tinham um ar atoleimado e modos rústicos. Em geral, todavia, encontrei muito mais bondade e cortesia entre os habitantes da província de Goiás, do que em toda a parte ocidental da de Minas (Viagem às Nascentes do Rio São Francisco..., p. 65).

A natural integração da mulher com os maus costumes locais de queimarem as pastagens para forçar a brotação do capim, causa espanto ao viajante, como se somente os homens fossem capaz de fazê-lo.

Não podia adivinhar quem se dera ao trabalho de queimar esses pastos sem dono e afastados de qualquer habitação; mais tarde, porém deram-me explicação do enigma... Uma mulher que habitava

os arredores do Rio Grande, limite da província de Mato Grosso, e possuía um numeroso rebanho de gado bovino, estava em vias de deixar a sua residência para ir estabelecer-se na povoação de Anicuns, e, antecipadamente, mandara incendiar as pastagens vizinhas à estrada, afim de que os seus animais encontrassem, por ocasião de sua passagem, melhor nutrição. (IDEM, p. 137). [O fogo induz a brotação do capim]. Grifo nosso

A apresentação do trecho abaixo - embora longo para os fins deste trabalho -justifica-se pela imensa beleza plástica do relato de recepção do naturalista por uma dona de casa no meio rural, uma mulata que está com o marido temporariamente ausente, à porta da sua casa rude no vale do Rio do Sal, na Serra de Ibitipoca, em Minas, já nas proximidades da Província do Rio de Janeiro. A precisão com cada detalhe da cena e a riqueza de imagens sugeridas, tudo conciso, e ligeiro ao mesmo tempo, faz lembrar um roteiro de filmagem.

A pequena distância deste lugar chegamos a um casebre grosseiramente construído de taipa, coberto de sapê, e cujas entradas são portas estreitas fechadas com couro. Se esta choupana apenas revela a indigência, sua situação foi bem escolhida; construída como está num fundo e protegida do vento pelas colinas vizinhas. De um lado, um grande bosque, do outro, um riacho, cuja água é excelente e faz mover pequeno monjolo. Ao chegar, fui recebido por uma mulata vestida de saia e camisa de algodão muito sujos. Grande quantidade de bonitas criancinhas, trajadas do modo mais pobre, a rodeavam. Pareceu a mulher um tanto assustada com a minha visita, mas logo acalmou-se; perguntei-lhe se o marido poderia levar-me às partes mais elevadas da montanha. Respondeu-me que estava no mato, mas voltaria logo. Poderia eu falar-lhe pessoalmente. Enquanto esperava, pus-me a conversar com a dona da casa e perguntei-lhe se não se aborrecia, só, no meio daquelas montanhas. Disse-me que ali estava havia apenas um ano, e nunca sentira um único momento de tédio. Os trabalhos caseiros, as galinhas e os animais domésticos tomam-lhe o tempo todo. Havia, além disto, sempre algo de novo em seu pequeno lar. Era preciso ora plantar, ora colher; nasciam-lhe criações; o marido e o filho mais velho saíam para caçar e assim traziam ora um porco-domato, cuja carne, assada, comiam todos, ora um gato selvagem. E com efeito mostrou-me muitas peles já curtidas de vários destes animais. (Segunda Viagem ao Rio de Janeiro e Minas Gerais... p. 61-62).

Ainda assim, as observações sobre a precariedade da moradia, as roupas rotas e sujas, o tédio do isolamento da família estão à tona, indicando o recorrente retorno de Saint-Hilaire ao tema. A tentativa de ver sempre o

mesmo (tomando por referência a realidade europeia), muitas vezes, não lhe permite perceber a riqueza do que via: uma organização complexa, um trabalho constante e, principalmente, um sentido nas ações protagonizadas por esses sujeitos, especialmente essas mulheres.

Igualdade de gêneros: esta é a impressão que evoca, quando depois de insistir na omissão e secundarização da posição feminina, o autor apresenta uma mulher que possui autonomia e toma decisão na certeza do referendo do marido.

Quando chegamos, o dono da casa estava ausente, sua mulher deu-me a permissão de me estabelecer na sua sala. Ao cair da noite, chegou o proprietário da fazenda, campônio gordo que tem na milícia o posto de alferes e cuja voz de estentor se pode ouvir a um quarto de légua. Em casa traz as pernas nuas, segundo o hábito da região e não usa senão jaleco de pano azul grosseiro e calça de *riscado* (pano listado). Acolheu-me muito descortemente, mas estou persuadido de que tem, com todo o mundo, as mesmas maneiras que me demonstrou (IDEM, p. 86).

A dona da fazenda do Retiro encheu-me de finezas até o último momento. No entanto, esta mulher que para comigo parecia tão boa e tão meiga, mal entrara em casa já eu a ouvia berrar, a mais não poder, e exaltar-se, com violência, contra seus escravos. Estas normas que parecem contraditórias não o são, realmente, aos olhos dos brasileiros (IDEM, p. 97).

Se as finezas e gentilezas femininas deleitam o autor em algumas situações, logo em seguida volta a carga às mulheres más, à miséria, à dissimulação, à falta de hábitos corteses:

É neste mesmo largo que desemboca a única rua que vai dar ao rio, marginada pelas mais miseráveis choupanas. Não me pareceu habitada senão por mulheres de má vida (IDEM, p.137).

As mulheres pobres andam com as pernas e muitas vezes os pés nus, usam saia e camisa de algodão, e levam aos ombros uma capa ou um grande pedaço de pano azul, tendo à cabeça um chapéu de feltro (IDEM, p.140).

Trajavam, segundo os costumes do país, chapéu de feltro e uma espécie de amazona de pano azul. Raras respondem ao cumprimento que se lhes faz, mantêm-se eretas, não virando a cabeça nem para um lado nem para outro e olham o passante com o “rabo do olho” (IDEM, p. 139).

As mulheres não são tão protegidas do espaço público assim, pelo menos nem todas estão guardadas (LEITE, 1997). A divisão entre os mundos público e privado dificilmente se efetivava – e se pensarmos especificamente

no cotidiano feminino, nunca conseguiu se efetivar de forma plena, ainda que idealmente essa representação seja predominante em nossa sociedade. Mas, principalmente para as mulheres pobres, a reclusão ao mundo privado nunca foi uma opção presente. Conforme a vida que precisam levar, são confinadas ao espaço reservado da casa ou devem ir à rua, ao campos, aos rios, exporem-se atrás de balcões. Como exposto nos trechos abaixo:

É hoje domingo e uma multidão de pessoas concorreu à missa. Alguns homens a cavalo estavam regularmente vestidos. Encontramos um número bastante grande de mulheres montadas e muitas mesmo não estavam acompanhadas por homem algum (IDEM, p.14).

Haviam-me indicado o lugar em que parei como oferecendo alguma comodidade para ali passar a noite, mas apenas encontramos duas miseráveis vendas pertencentes a duas mulheres extremamente pobres e onde nos seria possível colocar a bagagem. Fomos, pois, obrigados a abrigar-nos numa casinhola começada e em seguida abandonada. Ali estamos muito incomodados pelos animais, cachorros e gatos da vizinhança que procuram roubar-nos as provisões (IDEM, p.142).

A acidez de sua crítica aos costumes de homens e mulheres corrompidos em hospedarias à beira da estrada retorna sempre:

Estas estalagens do interior não passam de verdadeiros prostíbulos, quer mantidas por mulheres, quer por homens. Neste último caso as rameiras alugam quartos e nelas mercadejam os encantos aos viajantes. Quando não existe nenhuma destas desgraçadas no hotel, acha-se o dono muito disposto a dar, a seu respeito, todas as informações desejadas. Tais mulheres, além disto, são muito raramente bonitas, e sempre desprovidas de graças e atrativos (IDEM, p.149).

Na miséria de ambas, as mulheres negras valem menos que as brancas. Vale notar a expressão “mulheres fáceis” no século XIX:

[...] os descendentes de índios são muito pobres para comprar muitos escravos, e como as mulheres brancas, ou ao menos as que tal parecem, sem terem real formosura, não se escondem, e são tão fáceis quanto as negras, não há tanta necessidade em recorrerem os homens a estas últimas (IDEM, p.155).

A miséria é quase generalizada para homens e mulheres, contudo, é descrita com mais detalhes para elas na falta de bons hábitos e de vergonha, como nos dois fragmentos que se seguem:

(...) tais casas só denotam miséria, e o vestuário de seus habitantes não é feito para desmentir tal ideia. As mulheres trazem a cabeça descoberta, e os cabelos na maior desordem; trajam, como única vestimenta, uma camisa de algodão grosso quase sempre rasgada e muito suja. Vestem os homens camisa e calça de algodão, com colete de lã; as crianças não usam senão camisa, habitualmente em farrapos (IDEM, p.151).

Em nenhuma outra parte do Brasil, tal sevandija é tão frequente quanto aqui. As crianças e mulheres têm a cabeça cheia. Veem-se umas e outras a se matarem reciprocamente os piolhos, tranquilamente sentadas à soleira das portas e não pensando em interromper tal ocupação quando os transeuntes as encaram (IDEM, p. 158).

A marcação das diferenças de classe no espaço público é percebida pelo autor. Um cobrem mais o rosto e se mostram menos, enquanto outras cobrem-no menos e se mostram mais. Interessante, também, a ambiguidade do relato:

No dia seguinte à minha chegada a São Bento, que era dia de festa, vi o pátio da fazenda encher-se de gente das vizinhanças que vinha à missa. As negras estavam com a cabeça envolvida em um pano negro, à moda das espanholas; quanto às mulheres livres traziam *manteaux* de pano grosso, cor de azeitona, bordados de veludo negro. Estas tinham belos olhos negros, porém não eram bonitas; pálidas, sem graça (*Viagem ao Distrito dos Diamantes...* p.413).

[...] as negras e mulatas e em geral as mulheres do povo aparecem nas igrejas com a cabeça e o corpo envoltos em pano preto. As mulheres de classe mais elevada põem à cabeça e ombros uma mantilha de casimira preta com que escondem quase inteiramente o rosto, mantilha esta debruada de larga renda da mesma cor (IDEM, p.174).

O autor não poupa estratégias – que poderíamos chamar de duvidosas - para se aproximar de índios e índias no interior de Minas:

Entre as bagatelas com que presenteei os que tinham vindo a Ubá nada pareceu agradar-lhes tanto como os alfinetes. Julgava dar-lhes grande prazer oferecendo-lhes um espelho; porém os homens mal olharam para ele, e as mulheres, às quais esse objeto, indubitavelmente, dava o sentimento de sua inferioridade, esconderam o rosto com as mãos logo que o viram. Uma delas, todavia, que tivera maiores contatos com os portugueses, acabou por aceitá-lo, mas unicamente para dele se servir no momento à maneira de

faca (*Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais...*, p. 54).

Saint-Hilaire manifesta a sua intolerância com a prostituição por um viés econômico – “entre cujas mãos esses homens deixam o fruto do trabalho” - e a generalização desse costume - “um homem bastante digno que não fazia mais que se conformar com os costumes gerais” - mas não diz uma palavra sobre os determinantes dela. Aliás, em outros relatos deixa transparecer sua condenação moral:

Barbacena é célebre, entre os tropeiros, pela grande quantidade de mulatas prostituídas que a habitam, e entre cujas mãos esses homens deixam o fruto do trabalho. Sem a menor cerimônia vêm oferecer-se essas mulheres pelos albergues; muitas vezes os viajantes as convidam para jantar e com elas dançam *batuques*, essas danças lúbricas que, não o podemos dizer sem vergonha, se tornaram nacionais na província das Minas. Pela facilidade com que o dono do nosso albergue parecia permitir que se fizesse de sua casa um lugar de deboche, concebe-se que eu o tenha julgado com alguma severidade; mas, depois de ter conversado muito tempo conosco, reconheci nele um homem bastante digno, que não fazia mais que conformar-se com os costumes gerais. Aliás, o espetáculo de Barbacena, frequentado principalmente por mulheres da má vida, não era mais, ao que parece, que um lugar de tolerância. (IDEM, p. 119).

Em outro momento, irá contraditoriamente dizer que as mulheres - “são pouco sociáveis”. O autor parece não ser consciente, mas ele está falando de diferentes mulheres. No afã de tudo dizer, tudo não se diz, mas diz também o que não quis dizer.

Como as mulheres em Vila Rica são tão pouco sociáveis como em quase todo o resto da província, não se podem realizar nessa vila reuniões mundanas. O jogo, os prazeres grosseiros e pequenas intrigas constituem as únicas distrações dos habitantes (*Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, p.141).

Não escapa de sua atenção a observação do bócio ou papo, tão comum no interior do Brasil de então, e às mulheres sempre faltam alguma coisa, agora “as pernas e os pés estavam nus” e estavam doentes.

Tendo descido dessa pequena plataforma entramos no vale. Era dia de festa, e os habitantes da vizinhança se dirigiam em grande número para a igreja. Todos estavam vestidos com limpeza: as mulheres traziam vestidos brancos, uma espécie de jaquetão de pano e um chapéu de feltro, mas as pernas e pés estavam nus. Quase todos os que encontrávamos, homens e mulheres, brancos e gente de cor, tinham um grande bócio (IDEM, p.153).

Há mulheres nas Minas Gerais tidas como semelhantes às europeias: elas são por ele chamadas de senhoras, pertencem à classe que se poderia chamar dirigente, são mulheres dos mandatários. Para elas, também falta convívio social.

D. Manoel de Castro e Portugal, governador da província, procurara (...) reunir em sua casa uma sociedade honesta composta de homens e senhoras; (...). No dia seguinte ao da nossa chegada houve um baile em palácio e fomos convidados. A maneira de vestir e de apresentar-se das senhoras podia oferecer matéria à crítica de um francês recentemente chegado de Paris; ficamos, todavia, admirados por não vermos, a tão grande distância do litoral, diferença mais sensível ainda entre as maneiras dessas senhoras e as das europeias. Dançaram-se várias contradanças bastante prolongadas. Entre duas contradanças fazia-se música; algumas das senhoras cantaram bastante agradavelmente (...). Para pagar, sem dúvida, um tributo aos costumes do país, fez-se com que uma mulata dançasse uma espécie de fandango, e essas mesmas damas, às quais mal nos era permitido a palavra, mantiveram-se calmas espectadoras dessa dama extremamente livre, sem que ninguém pensasse em se admirar disso (IDEM, p. 141).

Não conhecendo ainda então os hábitos da região, imaginava que, durante nossa estadia em Vila Rica, teríamos ocasião de tornar a ver as senhoras com que passáramos o sarau em casa do governador. Fizemos frequentemente visita a seus maridos, que eram os principais personagens da cidade; mas não avistamos uma única mulher (IDEM, p. 142).

Mulheres com as quais o viajante é permitido conversar, que se mostram mais e que têm costumes “perversos ligados ao luxo”, também estão no seu caminho, mas, ainda assim, “não se pode gabar sua beleza”.

Não obstante, os empregados, que [...] recebem salários elevados, não vivem folgados. Não podem deixar de andar bem trajados e suas mulheres, dizem todos, esgotam-lhes os recursos com o amor que têm pelo luxo. As mulheres mostram-se mais em Vila do Príncipe que nos outros lugares em que estivera até então. Em quase todas as casas em que entrei de visita, apresentaram-me as senhoras, e foi-me permitido conversar com elas; não posso, porém, gabar tanto sua beleza como a amabilidade (IDEM, p. 13).

A viagem pelos distritos mais ricos de Minas vai permitir ao viajante encontrar hábitos europeus:

(...) chegamos enfim à capital do Distrito dos Diamantes. Como procediam a reparos no edifício da Intendência o Sr. da Câmara tinha sido obrigado a passar para uma casa que apenas dava para sua família; fui

então hospedado em um prédio outrora habitado pelos intendentos do Distrito, mas as refeições eu ia fazer em casa do Sr. da Câmara (...). A senhora da Câmara, mulher de modos distintos, fazia as honras da casa. Ela e suas filhas não se escondiam nunca; comiam conosco e, adotando os hábitos europeus, admitiam o convívio dos homens (*Viagem pelo Distrito dos Diamantes...*, p. 32).

Após o que hei dito sobre os recursos de Tijuco não se deve admirar se se acrescentar que aí reina um ar de abundância que não havia observado em nenhuma outra parte da Província. As casas são conservadas com cuidado; os brancos são geralmente bem trajados e as mulheres brancas que tive ocasião de ver não eram menos (IDEM, p.47).

À medida que se afasta para o interior, o viajante volta a encontrar hábitos que se assemelham aos de outras regiões do interior do Brasil. É bem provável que a funcionalidade da casa tenha se originado da necessidade de se hospedar estrangeiros e viajantes com frequência em andanças pelo interior. Muitos deles, sem intenções muito claras.

Apresentei-me em Ocubas, sob os auspícios do intendente, e não podia esperar senão boa recepção; mas a hospitalidade é tal nesta região, que, mesmo sem essa recomendação eu teria, estou certo, bondosa acolhida. Deram-me um pequeno quarto abrindo para fora. Em geral é numa peça separada do resto da casa que se agasalha o estrangeiro; desse modo evita-se-lhe o trânsito pelo interior da casa e ele não pode ver as mulheres (IDEM, p. 87)

E percebe o zelo do dono no confinamento das escravas à noite, para lhes protegerem do assédio dos homens:

Entre Itambé e Duas Pontes (...), existe apenas exíguo número de residências, e a única fazenda um pouco importante que vi nesse trecho foi a do Couto. Aí notei um pequeno pátio cercado de muros muito altos, ao qual estava ligada uma construção separada da habitação. O pátio e o edifício eram destinados às mulheres escravas, e, cada noite o dono da fazenda tinha o cuidado de encerrar suas negras nessa espécie de gineceu. Alguns proprietários escrupulosos usam esse sistema, a fim de salvaguardar suas escravas das perseguições dos homens (IDEM, p. 92).

A assunção dos valores da civilização europeia são motivos de referência única, desencadeando a incompreensão e intolerância a qualquer outra sociedade em que os homens pudessem viver diferentemente. É sempre um outro, carente de civilização que ele vê. Isso

vale para o que as pessoas são e tudo que fazem, como explícitos nos trechos abaixo:

(...) bati palmas a fim de me anunciar; uma negra veio perguntar o que eu desejava, retirando-se em seguida. Após haver esperado mais de um quarto de hora tornei a bater palmas; uma escrava reapareceu e disse-me que seu dono dormia a sesta. Durante o tempo em que esperava, havia visto cabeças de mulheres aparecer docemente por uma porta meio aberta; devia naturalmente concluir que o capitão-mor não residia sozinho e perguntei à escrava se não havia outra pessoa a que eu pudesse me dirigir na falta do dono. A negra abriu então uma porta e eu vi em uma grande peça suja, sem móveis e em grande desordem, algumas mulheres mal vestidas, sentadas no chão, com seus filhos. Uma delas adiantou-se; era a dona da casa. Após minha partida do Rio de Janeiro ainda não havia sido cumprimentado por uma mulher; nesse particular a mulher do capitão-mor não foi mais delicada que as outras; mas deu-me permissão para me alojar no engenho e mandou dar aos meus animais uma gamela cheia de milho. (IDEM, p. 283-4).

A recorrente descrição das mulheres por Saint-Hilaire, ora como libertinas, ora como reclusas e pouco sociáveis, empresta-lhe uma ambiguidade apenas aparente. O que o viajante vê nas suas andanças, de fato, são estes muitos outros tipos de mulheres. E, pela acidez das suas críticas direcionadas a quase todas, algo parece indicar que, em tudo, elas lhe são muito estranhas – talvez porque não respondem ao padrão eurocêntrico a que está acostumado. Seja nas roupas, na cor, nas atitudes, essas mulheres confundem nosso viajante porque não se encaixam em seu modelo único do ser e agir esperados de uma mulher, como deixam falar suas narrativas.

Considerações finais

Enquanto cumpre fielmente sua missão de viajante-cientista, coletando espécies da fauna e flora e recolhendo minerais pelo interior do Brasil para prover de coleções e informações o Museu de História Natural de Paris, Saint-Hilaire desempenha também o papel de observador dos costumes de homens e mulheres que encontra durante sua expedição. Mais que a contribuição de cientista da natureza, acaba nos deixando um legado importante que é a descrição de costumes das terras que percorreu. Sobre as mulheres, nos fornece indícios de uma história que nos pertence e, ao mesmo tempo, nos escapa. Mesmo que o olhar enviesado do cientista lega-nos um documento eivado de crenças e valores morais, também deixa-nos uma espécie de ensaio etnográfico da gente do sertão de Minas deste período, sobretudo daqueles silenciados por nossa história

Delinear perfis das mulheres mineiras do início do século XIX, pensadas e relatadas pelo viajante, exige

apreender além dos estereótipos de mulher confinada a casa, subalterna a algum marido, pai ou irmão, mal vestida, estúpida, feia e miserável, ao que parece, encontrada por ele com muita frequência. Há tantas mulheres nestas terras quantos forem os modos de vida que precisam e podem empreender em seus territórios de existência. Os relatos dos viajantes também são documentos apropriados para testemunhar isso.

Tantas mulheres vão surgindo à medida que precisam enfrentar o cotidiano da vida na província do interior do país, cuja organização social, à época, se assenta em base escravista e a economia ainda se organiza, preponderantemente, na base da troca, em decorrência de uma atividade mineradora já decadente e uma incipiente agricultura e pecuária em fase embrionária. O estranhamento que Saint-Hilaire demonstra diante desta população, indica que, muitas vezes, estas mulheres desempenham papéis não socialmente reconhecidos e não prescritos nos códigos morais da sociedade europeia, que é a matriz de análise de nosso autor. Ainda assim, a contribuição deste viajante tem significativa relevância por nos permitir maior aproximação da história das mulheres do interior de Minas Gerais, tanto ontem quanto hoje: mulheres que saem de casa, que tomam conta não só de sua residência, maridos e filhos, mas de negócios, que estão preservadas nas paredes de seu lar, mas também estão nas ruas, mulheres que habitam espaços públicos e privados, mostrando o modo como a dominação masculina- mas também de classe – não se exerce de forma plena.

Outra contribuição que se espera com esse texto é reconhecer a rica possibilidade de releituras de antigos escritos e a necessidade de se debruçar amorosamente sobre eles, buscando resgatar, compreender, reconhecer outras imagens de tantas outras mulheres...

Referências

- ANDRADE, Karylleila dos Santos. (2006). *Atlas Toponímica de Origem Indígena do Estado do Tocantins-Projeto Atito*. 187 f. (Tese doutorado, área de concentração Semiótica e Linguística Geral). FFLCH-USP. São Paulo, mimeo.
- ALVES, Solange Mouzinho; ROCHA, Solange Pereira. (2009) *As mulheres na visão de um viajante inglês- Século XIX*. Universidade Federal da Paraíba e Universidade Estadual da Paraíba. II Sem. Nacional de Gênero e Práticas Culturais.
- BELLUZZO, Ana Maria de M. (1994). *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Edição Metalivros - Fundação Odebrecht.
- BOURDIEU, Pierre. (1998). *O poder simbólico*. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- CARVALHO, Francismar Alex. (2005). Perspectivas teóricas acerca da leitura e análise de relatos de viajantes: Hercules Florence, narrador. In: *Revista de História e Estudos Culturais*, Universidade Estadual de Maringá, ano 2, vol. 2, n. 2, 2005, pp.1-20.
- DUARTE, Regina Horta. (2002) *Olhares estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri*. Revista Brasileira de História. São Paulo, V. 22, nº 44, pp. 267-28.
- FREITAS, Inês Aguiar. (2004). *A Geografia dos Naturalistas-Geógrafos no Século das Luzes, Terra Brasilis* [Online], 6 | 2004, posto online no dia 05 Novembro 2012. Disponível em: < <http://terrabrasilis.revues.org/376>>. Acesso em: 24 jan. 2014.
- GASPAR, Lúcia. (2009) *Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX)*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- GINZBURG, Carlo. (1987). *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, São Paulo: Cia das Letras.
- GONÇALVES, Margareth de Almeida. (2005). *Artifício e excesso: narrativa de viagem e a visão sobre as mulheres em Portugal e Brasil*. UFSC. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 13, núm. 3, set-dez 2005, pp. 613-627.
- KURI, Lorelai. (2004). *Auguste de Saint-Hilaire, um viajante exemplar*. UERJ. Revista Intellèctus [em línea]. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ano II, vol. I. URL: < http://www2.uerj.br/~intellectus/Anterior_2_01.htm> Acesso em: 18 out. 2013.1 de Santa Catarina.
- LEITE, Ilka Boaventura. (1996). *Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 272 p.
- LEMES, Cláudia Graziela Ferreira. (2008). *O olhar sobre a mulher goiana na bagagem dos viajantes*. Goiânia: CPGSS. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/14_ClaudiaLemes_O_OlharSobreAMulherGoiana.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. (1974). *Viagem pelos Distritos dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo.
- _____ (1974). *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás, Tomo II. Tradução Clado Ribeiro de Lessa*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- _____ (1974). *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais (01/06/ 1816 – 22/09/1817) – tradução de Vivaldi Moreira*. Ed Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- _____ (1974). *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo Tomo II. (29/01/1822 – 05/05/1822)*. Tradução Revista e Prefacio de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.
- SOALHEIRO, Itamara Silveira. (2008). *A sociedade mineira no século XIX: Território relacional nos relatos de Auguste de Saint-Hilaire*. In: UFOP - Cadernos de História, Viajantes, Literatos e a Construção da Nação, ano 3, n.1, p. 48-56.

Recebido em: 26/03/15. Aceito em: 30/06/15